



INVENTAR A MÃE, REINVENTAR A INFÂNCIA: AFET(AMENT)OS EM CONVERSAÇÃO COM IRACY ROCHA **Reimagining motherhood, reimagining childhood: affect(ions) in conversation with Iracy Rocha**

Entrevistada

Iracy de Souza Monteiro ROCHA

Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior
Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas (GAPAM)
Manaus, Brasil

iracyrocha69@gmail.com

Entrevistadoras/es

Adriana Alves da SILVA

Doutora em Educação
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil

rio.adrianas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1407-783X> 

Mônica Silva AIKAWA

Doutora em Educação na Amazônia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil

maikawa@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4695-9762> 

Guilherme Araújo SOARES

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil

gas.dca25@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-3146-8303> 

Maria Eduarda Glória NEVES

Graduada em Pedagogia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil

megn.mca26@uea.edu.br

<https://orcid.org/0009-0003-7687-9197> 

A lista completa com informações da autoria está no final do artigo ●

RESUMO

No tecido da conversação com Iracy Rocha, infância, maternidade e cultura da adoção emergem como mais do que temas, constituindo-se como fios que entrelaçam cuidado, afeto e responsabilidade coletiva. Narrativas de vida, atravessadas pela experiência na escola, na família e no Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas (GAPAM), fazem vibrar memórias/encontros que evidenciam a infância como território sensível de formação e a maternagem como prática que exige tempo, presença e elaboração de si. A escola aparece como espaço ambíguo, capaz de reproduzir violências, mas também de resgatar vidas por meio do olhar atento e do vínculo. O testemunho convoca à reinvenção das práticas educativas e familiares, afirmando que o cuidado com a criança não se restringe à família, e se expande enquanto tarefa ética e social. Assim, entre afetos, dores e resistências, tece-se a compreensão de que amar, olhar e reconhecer o outro são gestos fundantes na produção de futuros possíveis atravessados por um educar-maternar.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Maternidade. Adoção. Cuidado. Educação.

ABSTRACT

In the fabric of the conversation with Iracy Rocha, childhood, motherhood, and the culture of adoption emerge as more than mere themes; they form threads that weave together care, affection, and collective responsibility. Life narratives, shaped by experiences at school, within the family, and in the Amazonas Support Group for Adoptive Parents (GAPAM), bring to life memories and encounters that highlight childhood as a sensitive space of formation and motherhood as a practice that demands time, presence, and self-development. School emerges as an ambiguous space, capable of reproducing violence, but also of saving lives through attentive observation and bonding. This testimony calls for the reinvention of educational and family practices, affirming that care for the child is not restricted to the family but expands as an ethical and social task. Thus, amid affections, pains, and resistances, the understanding is woven that loving, looking at, and recognizing the other are foundational gestures in the production of possible futures traversed by an educating-nurturing process.

KEYWORDS: Childhood. Motherhood. Adoption. Care. Education.

DO ENCONTRO QUE NOS ACONTECE(M)

O primeiro encontro com Iracy de Souza Monteiro Rocha ocorreu por meio de uma ação¹ desenvolvida pelo grupo de pesquisa Vidar em In-Tensões (UEA/CNPq), na qual ela trouxe reflexões profundas sobre o cuidado, o amor e os desafios da maternidade em uma sociedade marcada por desigualdades. Esse encontro desdobrou-se numa roda de conversa² sobre infâncias e diferenças que educam, configurando-se como um aprendizado múltiplo/potente, que nos mobilizou a convidá-la para compor conosco esta conversação em formato de entrevista.

Mas por que Iracy? Mulher, filha, mãe, avó, entre tantas outras dobras que a constituem. Iracy apresenta-se como uma presença intensiva, cuja trajetória reverbera na invenção de outros modos de pensar as maternidades e as infâncias. Sua presença instaura problematizações e processos de (re)criação, abrindo um campo de forças no qual experiências, vivências, afetos e saberes se entrecruzam. Acolhê-la nesta entrevista implica, também, dispor-se a pensar com ela, a partir de suas vivências e dos territórios que atravessa.

¹ Acesso em: <https://www.instagram.com/p/DJcP0xRJVYi/>

² Acesso em: <https://www.instagram.com/p/DWCDFNujYEA/>

Educadora e psicóloga, Iracy fez de sua trajetória um campo fértil de produção de afetos e saberes. Graduada em Psicologia, com especializações em Psicopedagogia e Gestão do Ensino Superior, dedica-se a compreender e transformar os espaços escolares em territórios de acolhimento. Sua pesquisa/prática voltam-se a temas como dificuldades de aprendizagem, bullying, adoção e afetividade. Na docência, lecionou em diferentes cursos e, como orientadora educacional, acompanhou jovens em seus processos de experimentação, oferecendo escuta sensível, cuidado e amorosidade. Além disso, sua participação na criação do Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas (GAPAM) ressaltava a importância social de estabelecer conexões entre famílias, crianças e a comunidade.

É justamente nesse gesto de costurar laços onde antes havia rasgos que sua trajetória se conecta ao dossiê. Ao problematizar a adoção, a afetividade e os limites do cuidado, Iracy inscreve sua prática em um campo que tensiona e reinventa as maternidades. Aquelas que desafiam a norma, que se (re)criam na ausência e que se afirmam na resistência.

Para agenciar esta conversa, convocamos a Voz-Rio³ como campo de ressonâncias que opera como disparadora, mobilizando tensionamentos e processos de (re)invenção ao longo do acontecimento-encontro. Trata-se, antes de tudo, de um convite a pensar *com*. Convidamos as leitoras e os leitores a se deixarem afetar pelas vibrações que atravessam as falas de Iracy Rocha em composição com a Voz-Rio, produzindo sentidos que continuam a fluir.

³ A conversa é conduzida pela personagem conceitual-estética Voz-Rio, inspirada na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trata-se de uma personagem conceitual que faz o pensamento passar, acionando/fazendo emergir territórios, ao mesmo tempo em que opera processos de desterritorialização e engendra reterritorializações no próprio fluxo da fala. Como personagem estética, habita o plano de composição, no qual corpo (voz), movimento (rio) se entrelaçam. Por isso, a Voz-Rio atravessa narrativas e faz circular afetos, instaurando a conversa como um espaço de criação/invenção, onde se tornam possíveis maternidades e infâncias outras.

A CONVERSAÇÃO COMO PLANO DE INVENÇÃO COLETIVA

No coração úmido da floresta, a cidade amanheceu envolta em véus de nuvens, como se o céu, exausto de tanto sol, decidisse repousar sobre o rio. A manhã trouxe chuvas mansas que dançavam sobre as telhas, despertando o perfume denso da terra molhada. O ar, pesado e doce, marcava 26 °C. Uma temperatura que abraçava o corpo como um lençol morno, insinuando uma quietude que é presença dilatada do tempo.

Imagem 1 – Vozes-Rios~Iracy



Fonte: Acervo da entrevista - Manaus, 22 de abril de (2026).

Voz-Rio - O primeiro movimento nesse campo de conversa e de amizade é pensar nesse processo da sua narração, da sua trajetória, compondo também com esta conversação. Mas queremos que você sinta, se deixe sentir e, depois, deságue com a gente, tá? Dizemos “Olá, Iracy. Gostaríamos de iniciar ouvindo você sobre sua trajetória e sobre os modos como ela se entrelaça com o Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas (GAPAM), bem como com as questões da adoção, do maternar e das infâncias. Como sua trajetória acadêmica, profissional e existencial, tecida nos encontros, deslocamentos e experiências que atravessam sua vida, se entrelaça com o GAPAM e com as questões da adoção, do maternar e das infâncias, e de que modo narrar essa trajetória opera como um gesto de reflexão e autoria que produz sentidos sobre si, sobre o outro e sobre os modos de existir nessas travessias?”

Iracy - Ai, Voz-Rio, aí começa a dar aquela tremedeira. Mas é tudo que você inspirou, né? Que lindo, gente. Assim, eu gosto muito de falar de onde eu vim, né? Da minha infância. Eu gosto muito de lembrar que eu só descobri que eu era menina com 12 anos de idade, porque até aquele momento nós, eu e meus irmãos, né? Hoje só somos dois, um é falecido. Nós três vivíamos no mato, né? Brincando, pulando, andando de canoa, caçando com meu pai.

Tenho, assim, memórias muito gostosas, que hoje o meu filho, que me deu três netos. Meu filho faz a mesma coisa com os filhos. Meu pai vinha num fusquinha, batia

lá, buzinava lá no colégio Auxiliadora. As freiras saíam correndo: “Iraci, teu pai está lá fora, deve ter acontecido alguma coisa”. Eu nem me espantava, porque eu já sabia: “papai largou o trabalho, tá pegando meus irmãos, cada um numa escola, e a mamãe já tá lá com a cesta cheia de coisa para a gente comer no caminho. Nós vamos para o ramal, vamos tomar banho de rio, vamos ver a natureza”.

E naquela época, né, 50 anos atrás. Eu tinha 5, 6 anos. A gente podia criar os bichos silvestres. Na minha casa tinha cutia, macaco, tudo tinha. Eram dessas nossas aventuras que nós íamos com papai, com a mamãe, que hoje ainda são vivos. Então, era aquela... eu era a Dora Aventureira, que é o filme hoje dos meus netos. Pensa na Dora Aventureira, era assim a nossa vida no meio da floresta, tomando banho de rio, né, com meu pai e minha mãe.

Isso foi fortalecendo esse sentimento de família. Nossos familiares que moravam no Rio, em São Paulo e outros lugares vinham para Manaus, porque eles queriam participar dessas aventuras, né? Eles queriam ir para o meio do mato com a gente. Meu pai, quando se aposentou, foi com minha mãe morar no Rio Urubu, como se fosse uma ilha. Então nós passamos a nossa adolescência também assim. Então, essa infância no meio da natureza também fez com que eu conhecesse o interiorano mesmo, o ribeirinho, o roceiro. As pessoas que trabalhavam em fazendas, com gado, com planta.

E foi um privilégio tão grande viver isso na nossa casa, porque as pessoas migravam dentro da nossa família. Então, todo mundo... essa ideia foi a primeira ideia da adoção na minha vida, que eu entendo por gente. Foi a primeira ideia de adoção, porque na minha casa é uma família adotiva. **Sempre tinha uma cadeira ali vazia para alguém sentar, a comida sempre dava para mais um.** Sempre tinha uma rede para desenrolar para alguém pernoitar. E nós fomos acostumados a comer junto com peão, comer junto com quem estava ali cuidando do sítio. Comíamos a mesma comida, na mesma louça, no mesmo ambiente, sentados no chão ou na mesa. Então, todos somos um, e nós fomos habituados a ter essa ideia grandiosa de receber e de acolher.

Então, essa minha infância foi toda misturada com outras infâncias, com filhos de caseiro, com filhos de quem morava no ramal. E a gente via que ali, aquelas crianças misturadas, eu no meio, não tinha diferença. Não importava se aquela criança chegou de carro, chegou numa canoa, ou talvez nunca vai ter a chance de sair ali daquela *tapera*. Mas nós, enquanto crianças, nós nos misturávamos. Íamos crescendo, de tempos em tempos nos vendo.

E aí acaba que essa infância vai chegando ao fim. E eu me vejo, assim, na adolescência, com muita dificuldade. Porque eu sempre fui muito livre, sempre fui na curva. Fora da curva. Então, vieram aí as diferenças. E até mesmo a dificuldade relacional parental. Mas uma coisa que eu acredito muito é que uma infância intensa, uma infância onde eu tive colo, onde eu tive voz... foi possível eu usar até uma palavra assim: “perdoar todas as falhas que os meus pais tiveram comigo na minha adolescência”. Por quê? Porque a infância me deu certeza daquele amor e me deu certeza de que eu tinha um lugar dentro da minha família, com os meus pais, com meus parentes, meus avós, meus tios, primos.

Os meus primos, eles são como irmãos para mim. E é o legado que eu deixei para os meus filhos, e é o legado que os meus filhos estão deixando para os filhos deles. Que é cíclico. **A gente não vive sozinho.** Ninguém é uma pedra no meio do caminho. Nós vivemos em sociedade e nós vivemos necessitando uns dos outros, seja família, seja parente, seja vizinho, seja amigo, colega de trabalho. A gente precisa saber conviver com as pessoas, porque nós precisamos, sim, uns dos outros.

Então, nessa trajetória de criança, é interessante que a gente fica sendo saudosista. Que hoje eu não posso abrir a minha porta, o meu portão, abrir ele todo e dar um prato de comida, porque eu tenho medo de alguém me assaltar, entrar na minha casa, me sequestrar. Há tempos atrás, não. A minha mãe, meu pai, meus parentes, meus avós... era comum: “entra, senta, pega um prato de comida”. Entra, senta, e assim vai, “busca um copo de refrigerante, vai buscar aquele cafezinho”. A casa estava aberta para essa pessoa estranha.

Hoje nós não podemos mais fazer isso. Então, a gente precisou reinventar essa prática para os próximos que virão, né? Não podem ficar se sentindo vulneráveis, mas também não podem deixar de ser solidários. Então, nessa trajetória de mato, de sítio, de andar por aí, aprendemos a humildade e aprendemos a gratidão de estar no prego, no meio do mato, e ver um senhorzinho com o seu terçado para ajudar a empurrar o carro. E esse senhorzinho, no outro mês, você volta, você bate lá na casinha dele e leva um presente. Ele não imagina que aquela pessoa lá de Manaus voltou lá para dar um presente para ele. Mas por quê? Porque aquela gratidão ali, naquele momento, foi importante.

E a gente aprendeu gratidão, aprendeu a ser humilde, a ver que o outro, mesmo sem conhecimento formal, muitas vezes ele tem mais conhecimento de mundo do que você. Ele sabe sobreviver de coisas que talvez você não saiba sobreviver. Então, a minha infância foi muito produtiva.

A minha infância com meus irmãos... e tinha briga. Meus pais contam até hoje que eu corria atrás dos meus irmãos. Eu não me lembro disso, juro por Deus, eu não me lembro disso. Mas as más línguas dizem que eu era braba, né? Dizem que eu corri atrás dos meus irmãos para brigar. Mas nós éramos, assim, muito unidos. Uma irmandade, uma fraternidade muito fortes, de um cuidar do outro. E isso meu irmão faz hoje com os filhos.

Então, quando essa união de irmãos, essa união de vizinhos... eu lembro que meus pais me ensinaram também, nesse período de infância, que eu joguei até os 12 anos mais ou menos. O Natal na nossa casa, a Páscoa, era uma mesa comprida como essa. Todos que trabalhavam na nossa casa naquele ano (pedreiro, marceneiro, eletricista, babá), todo mundo era convidado para vir fazer o café de Natal, o almoço de Natal na nossa casa.

Por quê? Porque em casa precisava-se aprender a agradecer às pessoas. E agradecer e não existir mesmo essa coisa do "eu sou melhor que você", "eu sou mais que você", "eu tenho mais que você". Então, o que isso me traz hoje para compor a Iraci? Tudo que eu ensino na sala de aula, no GAPAM, na mesa de casa, no dia a dia, foi tudo produzido, foi tudo fomentado lá na infância. O que consegui ser no início da adolescência foi fruto da infância. Para eu conseguir sobreviver a uma adolescência com todas as dificuldades de um adolescente naquela época, até a grande dificuldade que se tem até hoje, relacional, de pais e filhos na adolescência, foi possível por conta de uma infância prazerosa, acolhedora, respeitosa, equilibrada.

Nós ficávamos de castigo. Nós tínhamos ali as regras e as normas. Meu pai era muito severo, minha mãe também, mas extremamente amorosos, extremamente amorosos, respeitosos. E aquilo que faltou na adolescência não teve impacto para minha juventude, não teve impacto. Então, hoje, a Iraci, é fruto de uma educação tradicional, mas é fruto de uma educação que teve uma base forte, uma base em que a criança não precisava ser educada na pancada, mas que tinha suas normas e regras sociais, morais, religiosas dentro de casa.

Mas quem conviveu teve a oportunidade de ser exposta a todos os tipos, formas de pessoas, culturas e sociedades diferentes, seja na capital, seja no interior. A sobrevivência, o respeito à terra, o respeito aos bichos, às árvores. **Esse cuidado com a natureza é que traz a nossa ideia de cultura adotiva.** Quem falou pela primeira vez de cultura da adoção foi Luiz Schettini, que é um grande filósofo, psicólogo, pesquisador e escritor da adoção. E o Luiz Schettini, quando trouxe para Manaus, há

20 anos, esse tema, que foi a atitude adotiva. Nós incrementamos a atitude adotiva no Amazonas.

Essa atitude adotiva, eu me enxerguei o tempo todo ali dentro. **É quando eu adoto o meu vizinho, eu adoto meu patrão, eu adoto a minha sogra, eu adoto meu marido, eu adoto meu filho.** Hoje, nós falamos dentro das escolas, por exemplo, que a adoção não é só para aquela criança que não tem pai ou mãe, que está num abrigo. **A adoção, a gente adota o nosso filho desde o ventre.**

Quantas escolas... Eu, por margem de 15 anos, trabalhei em escolas particulares e, por muitas vezes, eu vi o pai chegar com um carrão, com motorista, e descarregar, literalmente, os seus filhos na porta da escola. Não sabe quem é o professor, não sabe qual é a série da criança, não sabe do que essa criança gosta, não vai para a reunião de pais. Mas o material está ali, está todo pronto. O financeiro está ali. Mas o cuidado, o amor, o afeto, a responsabilidade educativa não existem. Então, isso: "adotar essa criança". Ela não foi adotada pelos seus pais biológicos.

Então, eu sempre me senti adotada pelos meus pais. Eu nunca... não lembro de um dia de uma apresentação de dança, de um campeonato de vôlei, em que eles dois não estivessem lá, em que não estivessem ali na plateia me vendo. Não lembro de um dia em que tenham falhado. Mas, claro: "Iraci, então, tu viveste uma infância irreal, que hoje não tens". Infelizmente, não tem. Eu gostaria muito... **eu sonho que essa infância fosse uma infância acessível para todas as crianças.** Ela não é impossível, porque nós podemos ter uma infância prazerosa e acolhedora sem dinheiro, sem tantos recursos, sem ter um cardápio nutricional completo todos os dias. Porque a infância precisa de pouca coisa. Ela precisa de cuidado. Quem sabe cuidar, sabe dar uma infância com qualidade para uma criança e um adolescente.

E aí eu saio dessa infância e me lembro agora do GAPAM. Quantas crianças estão ali abrigadas? Quantas crianças vão voltar para sua família biológica ou depois vão voltar novamente para o abrigo? E os anos vão passando, e os anos vão passando, e essa criança vai sendo criada como "batata", pulando de casa em casa, de abrigo em abrigo, e vai se perdendo. E quando a gente pensa assim: "O que vai ser?". Eu estou criando um futuro para as crianças. O futuro já está aqui, já está acontecendo. Eu não... **o futuro já está acontecendo.** Porque uma criança que não tem referência de um lar, uma criança que não sabe o que é uma cama, uma criança que não sabe o que é um prato com uma comida básica, uma criança que não sabe o que é um cafuné ou um abraço. Que adulto vai ser? Que pai vai ser? Que mãe vai ser? Que avó vai ser?

E uma grande discussão é sobre as mães que doam seus filhos: “o julgamento”. Essas mães também foram abandonadas por uma sociedade machista, que diz que elas têm que parir, têm que ser mães, têm que dar o peito. Elas também são vítimas dessa sociedade machista. Elas também foram abandonadas pelo Estado, foram abandonadas pela sua família e foram abandonadas pelo Estado também. Então, não cabe a nós julgar essa mãe, essa falta de maternização.

Nós estamos falando hoje de maternidade, de maternagem, de infância. Estamos falando de algo que é necessário acontecer. Não é ficar só no “poxa, não tem”. Vamos fazer acontecer. É possível fazer acontecer até dentro de um espaço lúdico público. Aquilo que uma criança não tem dentro de casa, ela pode ter dentro de uma escola, ela pode ter dentro de uma creche, ela pode ter dentro de um abrigo.

Quantos abrigos e famílias acolhedoras espalhadas pelo Brasil salvaram vidas. Gente, eu me arrepio todo dia, porque isso é verídico. A gente vivencia na pele crianças que chegaram aos seus 18 anos e foram salvas dentro de um abrigo. Nunca vão ser adotadas, mas têm uma referência de mãe na cozinheira, no motorista. Seria o ideal? Não, porque esse é o melhor dos mundos, mas o que dá para ser feito é: alguém tem que tomar conta dessa criança, alguém tem que dizer “eu posso te chamar”.

Alguém tem que dizer: “Como é que está a tua nota?”, “Olha, você está crescendo, você está bonita”. Alguém tem que tomar conta disso. Se não tem alguém, pode ser qualquer um. E todos nós somos capazes de dar esse amor: “Um professor, o motorista da Kombi, o barbeiro, a moça que vende o pão”. Todo mundo pode, porque a criança precisa de pouca coisa. **Ela precisa de um olhar.**

A criança precisa da mãe, precisa do pai, precisa de uma avó, precisa. Mas, quando ela não tem, ela consegue fazer conexão com outras pessoas, ela consegue fazer conexão através do afeto. Então, muitas crianças passaram pela minha casa na minha infância, que chamam minha mãe até hoje de vó, que me veem como irmã. Aonde nós nos encontrarmos pela vida, nós vamos nos reconectar novamente. Por quê? Porque aquilo foi ensinado.

Foi ensinado. A gente não nasce sabendo amar. Não é todo mundo que ama, não é todo mundo que gosta de gente. Quando eu falo para os grupos de pedagogia, para os de psicologia, eu gosto muito de dizer que, se você não gosta de gente e está na área da educação, você está no lugar errado. Vá fazer qualquer outro curso, vá ter outra profissão, mas, se você não gostar de gente, você está no lugar errado. Isso a gente nasce, mas também aprende a gostar de gente. Porque nós somos... se eu não consigo

me enxergar no espelho, se eu não me suporto um dia sozinha comigo mesma, então, eu realmente não consigo gostar de ninguém, não consigo gostar de gente.

E é assim: vocês, desde o ano passado, **vêm me provocando a falar dessa infância, que é esquecida por muitos** muitas vezes, mas, que foi muito importante para mim. Eu e meu esposo, que somos casados há 35 anos, tentamos fazer da mesma forma com os nossos filhos. Sair em aventura, passar três dias de carro indo para a Venezuela juntos, para Boa Vista, indo para sítios. Levamos nossos filhos, e o meu filho mais velho, que tem 35 anos, ele fala sempre: “eu lembro que a mamãe levava uma cesta cheia de comida, igual como a vovó fazia”, porque ele também andava com a vovó.

Então, ele sabe que ia ter as besteirinhas, que a gente ia ao supermercado comprar as coisas para levar dentro do carro. Cada pedacinho de memória compõe a grande formação de uma pessoa. São poucas coisas. O dia em que você ficou esperando o Papai Noel passar e ele não passou, o dia em que você descobriu que o presente estava escondido dentro do guarda-roupa, o dia em que todo mundo esperou os cachorrinhos nascerem da cadelinha da casa. Tudo isso são memórias que são construídas dentro de casa. Por isso, **a infância não é cara.**

A infância não é cara. O dia de fazer pipoca, o dia do cinema, o dia dos meninos, o dia só das meninas. Tudo isso compõe a infância. E eu vejo isso acontecer dentro da minha casa agora, com os meus netos, porque o meu filho aprendeu. E eu espero que a minha filha, futuramente, faça isso com os dela, que ainda não tem.

E eu sempre falo dentro do GAPAM que isso é importante: “quando eu recebo uma criança, ela não vem como uma folha em branco”. Quando eu recebo uma criança dentro de casa, ela já vem com uma história, ela já vem com a mochilinha dela, com muitas histórias de perdas, histórias que talvez eu e vocês nunca vamos passar, ou tenhamos passado.

As crianças abrigadas, acolhidas, vêm para uma família com uma expectativa, mas também vêm com muitos medos, porque elas não aprenderam a confiar ou foram traídas. Então, elas não foram amadas, não foram cuidadas. **As feridas delas vêm abertas, muito abertas. E não é com pena que a gente vai fechar, mas com cuidado,** com uma fala correta de fortalecimento.

Como: “Está tudo bem, você errou, não tem problema, mas, na próxima vez, você vai ter mais cuidado”. Então, os valores vêm diferentes, a história de vida vem diferente, os desencontros vêm diferentes. E a minha experiência de vida com pai e

mãe é uma que, talvez, essas crianças nunca vão ter, ou talvez tenham tido, porque nem todas vêm de famílias desestruturadas, abusivas e violentas.

Elas podem vir também de famílias que, por uma infelicidade, precisaram se desfazer, mas têm uma memória de infância boa com a sua mãe, ou com a sua avó, ou com a sua irmã mais velha. **Elas têm uma lembrança.** E, quando vêm para uma família por adoção, eu preciso respeitar essa história, preciso respeitar uma história.

É igual a um casamento. Quando eu casei, meu marido não tinha experiência de mato, de bicho, de floresta. E, de repente, ele entra numa família que exala interior. Todo mundo sabe caçar, todo mundo sabe atirar, todo mundo sabe nadar, todo mundo sabe pilotar uma canoa. E ele vem, se conecta, se adequa, respeita a cultura daquela família que está entrando. E a gente respeita a cultura do outro que está entrando.

E aí está a beleza do casamento. **Quando você consegue administrar todas as diferenças.** E, dentro da casa adotiva, é bem isso. **São as diferenças.** As diferenças precisam se aproximar para se conectar. E aí vem o pertencimento, o sentimento de pertencimento, **o sentimento de fazer parte de uma família.** Quando essa criança percebe que faz parte dessa família, aí você tem certeza de que o final feliz aconteceu. Mas, enquanto ela não tiver essa certeza, ela vai testar, vai dizer que você não é a mãe dela, vai dizer que quer voltar para o abrigo, né? Ela não vai deixar você tocar.

Temos histórias assim. Quem puder ler o nosso livro, que é *Histórias de Adoção no Amazonas*⁴, são histórias lindas. Histórias como a do Mauro, dos filhos do Mauro, são quatro irmãos. E o Mauro sempre fala da questão do toque, de como era difícil ele tocar nas crianças, a rejeição delas. A tensão corporal que elas apresentavam, o choro noturno, o terror noturno que apresentavam. Então, olha só: “uma criança que não consegue dormir, uma criança que não consegue estar em vigília o tempo todo, em alerta”. Como existe uma infância assim? Você não dorme direito. Você está o tempo todo preocupado se alguém vai abrir a porta, se o toque que está tendo em você tem uma segunda intenção.

Uma infância em que uma fala, uma fala aborrecida, vai gerar uma agressão física. Porque, se hoje eu tiver uma fala agressiva com os meus netos, eles não têm dúvida alguma de que a vovó está aborrecida, mas que aquilo passa. Não vai ter uma violência depois, não vai ter uma repercussão maior. Nas nossas crianças, não. Essa

⁴Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3rias-ado%C3%A7%C3%A3o-Amazonas-Relatos-reais/dp/6588157452>

repercussão é real. A violência virá. O quarto trancado virá. Ela colocada dentro de um camburão com água e tampado virá. Uma comida podre virá como tortura.

Então, sim, nós temos que falar dessas infâncias prazerosas, produtivas, boas, adequadas, harmônicas, com dificuldades, claro, como em qualquer lugar vai ter, mas que é possível toda criança no Brasil ter. É possível. Mas alguém tem que tomar conta disso, e não precisa ser só o pai, não precisa ser só a mãe, não precisa. Pode ser o vizinho, pode ser o professor.

E nós estávamos conversando agora sobre os abrigos e o tempo que essas crianças passam. É um menino de 17 anos, de 18 anos, que sai do abrigo e que pode ser adotado. Nós temos, do GAPAM, adolescentes que foram adotados com 16 anos, com 17 anos e meio. Essas crianças podem ser resgatadas. **A criança interior dele ali está gritando: "eu quero de volta a minha infância"**. E ele pode ter, pode ter em um novo momento, em uma nova chance para a vida dele. Eu não sei se vocês têm alguma pergunta aí, porque, se deixar eu falar, eu falo...

Voz-Rio - Você foi trazendo, né, tanto essas questões sobre a cultura da adoção, de entender a adoção para além, né, dessa idealização, digamos, das condições ideais que você fala tanto da maternidade como da família. Então, quando você traz essa base da sua infância, eu acho que você já trouxe essa dimensão de reinventar também. Onde colocamos: Considerando as experiências que você acompanha, como as maternidades têm se constituído na contemporaneidade como processos em constante (re)invenção de si, tensionando as normativas idealizadas do "amor materno" e fazendo emergir modos de maternar que escapam, resistem ou se afirmam à margem dos reconhecimentos sociais?

Iracy - É de arrepiar, porque não basta amar, não, né? O amor não basta. Se ele bastasse, tudo estaria resolvido. Bastava dizer "eu te amo" e estava resolvido, mas o amor não basta. O amor, além de prazeroso ou duradouro, precisa ser tecido. A gente precisa ter determinação, a gente precisa ter conhecimento, a gente precisa estudar. A gente precisa se esforçar, a gente precisa se dedicar.

Eu aprendi a plantar depois que eu me acidentei, fiquei em casa e agora sou aposentada. Eu não gostava de planta e achava que conseguia matar cacto. Hoje eu consigo ter e vejo as minhas plantas crescerem, mas elas precisaram de dedicação que eu não tinha, porque eu trabalhava uns quatro tempos da minha vida. Manhã, tarde, noite e fim de semana eu trabalhava, então, eu não tinha tempo. Então, eu não tinha tempo para plantar, eu não tinha tempo para ver que um cacto grande dá uma flor.

Depois de muitos anos, eu tive que descobrir que os lírios da terra são de batata e eles, de ano em ano, florescem. Então, eu acabava jogando um monte de batata fora. Tudo isso eu tive que aprender porque eu precisei ter tempo, dedicar tempo. E a maternidade, a maternagem, é a mesma coisa: a gente precisa de determinação, a gente precisa de tempo, a gente precisa cuidar, regar, tirar as folhas mortas, alimentar. E hoje nós, mulheres, não temos tempo. Então, eu sou muito severa no primeiro dia de palestra do GAPAM, em que nós falamos dos mitos e dos preconceitos. Eu faço questão de estar nesse dia, porque eu faço um “*pout-pourri*” de tudo que já vai ter.

Eu gosto muito de dizer que, se você quer adotar, se planeje. Planeje a sua vida, é uma gestação. Então, você vai diminuir, você vai primeiro trabalhar muito, guardar dinheiro, fazer sua poupança, fazer seus investimentos, fazer tudo que você precisa fazer por, pelo menos, um ano. No segundo ano, você começa a diminuir sua carga horária, o seu ritmo, aprenda a viver com o que você está recebendo. Comece a planejar sua casa, sua mudança de bairro, qualquer outra coisa, sua saúde.

Porque só você dizer que quer muito adotar não adianta. A sua casa é o que menos é necessário. O seu salário é o que menos é necessário. Você ser casado, solteiro ou separado é o que menos interessa, **porque o que mais interessa é o que você vai fazer quando seu filho chegar**. Porque, se você passa três, quatro anos na fila da adoção e você não se preocupou em se desintoxicar, se curar dos seus traumas, dos seus problemas, se você não procurou ser melhor como pessoa, você continuou sendo aquele vizinho antipático, você continuou sendo aquele chefe tirano, aquele professor grosseiro...

Então, meu filho, não vá buscar uma criança que vai precisar muito de você e que vai ser muito diferente de você. Não vá, porque nós precisamos de uma família para uma criança. Essa família tem que ser a última Coca-Cola do deserto. Não é uma criança para uma família, é uma família para uma criança.

Por isso, tem que escolher a melhor família daquele grupo de 180 famílias que estão na fila da adoção. Não é para qualquer um. Então, se você não se preocupou em mudar o seu jeito de ser, diminuir a sua mania de limpeza, diminuir a sua neurose, a sua mania de tudo estar perfeito, do perfeccionismo. Se você não melhorou a sua inflexibilidade, por que você quer ser mãe? Por que você quer ser pai? Porque você vai sofrer e você vai fazer o seu filho sofrer. Então, nem todo mundo nasceu para ser mãe. A gente precisa ter essa humildade de saber: “eu não quero ser mãe, eu não quero criar ninguém”. E você não precisa de uma criança para ser feliz. **Mas existem crianças que precisam de uma família pra serem felizes.**

E, quando eu falo família, é uma mãe solo, é um pai solo, é uma família homoafetiva, é uma família hétero, é uma família. Só que essa família tem que ser diferenciada, ela não pode ser de qualquer jeito, ela precisa ser trabalhada. Ela precisa ser melhorada. E aí nós, mulheres, trazendo para o tema que é proposto hoje, temos tido pouco tempo para pensar essa maternagem. Nós estamos muito no “ops”: quando vemos, já está grávida; quando vemos, já está com o filho. E criar filho não é fácil, educar filho não é fácil. A gente precisa se dedicar. A infância perde muito quando nós, mulheres, estamos assoberbadas.

E, no GAPAM, eu sou muito rigorosa nesse sentido e digo para as mães ou pais. Se você quer ser mãe ou pai, você precisa se dedicar e se sacrificar. Você vai precisar diminuir a sua carga horária, porque, se é para você ter um filho só para dizer que tem um filho, e você vai deixar com babá ou vai deixar numa creche desde o primeiro ano de convivência, então, você não serve para adotar.

Inclusive, nós temos um projeto, que é o grupo terapêutico que acompanha o primeiro ano de convivência, justamente para verificarmos isso. No primeiro ano, você não tem tempo? No primeiro ano, você não deixou um turno? No primeiro ano, você passa o dia todo fora? Você só chega às dez horas da noite? No primeiro ano, no fim de semana, não tem vida de família? Então, você não precisava ter tirado ele do abrigo, porque no abrigo ele estava melhor acompanhado.

Então, a maternagem perpassa por essa dedicação. E eu penso... eu sou uma mulher que buscou sucesso, eu sou uma mulher que buscou se realizar. Eu fiz a minha faculdade, trabalhei onde eu queria trabalhar, fui docente do ensino superior até onde quis trabalhar. Fui muito feliz em tudo que fiz na minha profissão. Mas nós tentamos, enquanto família, estar presentes em vários momentos da vida dos meus filhos, dos nossos filhos. Mas, mesmo assim, em algum momento, nós também falhamos. Porque também eu não posso dizer “se dedique 100% ao seu filho” e você vai ser uma mãe frustrada. É muito complexo falar disso.

É muito complexo falar de “seja uma mãe perfeita”, “seja um pai perfeito”. Não existe perfeição sem você também ter tido prazer nisso. **Então, falar de maternagem é falar que cada um/a precisa buscar o seu melhor, fazer o seu melhor.**

O que não é o que dá para ser, porque o que dá para ser é o resultado que nós temos: meninas grávidas na adolescência, adolescentes usuários de drogas, usuários de álcool, de cigarro. São tantos jovens perdidos na vida, fazendo racha, roubando, e que às vezes nem precisam roubar, que os seus valores estão invertidos. Por quê? Porque nós não estamos dentro de casa, nem pai nem mãe, mais. Então, nós

precisamos entender que, para a infância dar certo e para a adolescência ser a cereja do bolo, pai ou mãe, mas principalmente nós, mulheres. Precisamos nos dedicar. Nós precisamos saber aonde precisamos sair um pouco de cena, aonde podemos dar mais, aonde podemos dar menos, aonde podemos nos dar de presente o ócio, onde podemos nos dar de presente um estudo, uma viagem.

Mas nós não podemos esquecer que nossa maior produção são pessoas para o futuro, para herdar esse mundo. Quem são eles? Quem é que eu estou produzindo? Porque sou eu que produzo meus filhos, sou eu que produzo meus netos, né? Eles têm o livre-arbítrio, eles têm, claro, os seus próprios pensamentos, sua essência, seu jeito de ser. Vão ser tudo aquilo que talvez eu nem queira que eles sejam. Eles vão ser. Mas eu produzi a base deles. Eu dei o que eu tinha de bom. A gente dá o que tem de bom. O que é bom? São os nossos valores. ***É o sentimento de cuidar do outro, é o sentimento de respeito, é o sentimento de dar vez e voz para outra pessoa.*** É entender que eu não sou o centro das atenções, que eu não sou mais importante, mais inteligente que todo mundo, que todo mundo pode contribuir, não sou só eu.

Enfim, a gente acaba levando para outra discussão, outra conversa, mas trazendo para a proposta. As nossas mães no GAPAM entram na adoção muito cheias de expectativas. As expectativas são num nível tão alto que saem do real, esquecem o real. Então, por um tempo, batem muita cabeça e depois voltam para o real de novo. Sem querer, acham que só dar colo, dar muito beijo, dar muito presente, fazer tudo que quer, isso vai dar certo. Não vai dar. Não vai dar, porque um ser humano vai testar ordem, norma, regra. Vai testar o teu amor. Vai testar quem é o elo fraco da tua família, quem é o que diz “não”, quem é o que diz “sim”, quem é o que só diz “sim”, qual é o que tem medo do choro, da birra. Então, as mães, as nossas mães do GAPAM, elas também vêm muito feridas. Elas vêm de experiências de infertilidade, elas vêm de experiências de luto. Eu e meu esposo fizemos um luto de dez anos para poder adotar. Quando nós tivemos certeza de que o nosso filho que viria não era para substituir nenhum bebê morto, foi quando ela nasceu na nossa vida.

As mães por adoção também vêm com cicatrizes. Elas vêm frustradas, machucadas, se sentindo inúteis, com baixa autoestima, com a cobrança social. “Namorou, casou, e agora cadê o filho?”, “Quando é que vem esse filho?”, “Por que esse filho não vem?”. Então, elas já vêm sendo massacradas. E aquelas que estão testando o seu corpo, mutilando o seu corpo o máximo possível para ter um filho biológico... Porque, quando elas vêm para adoção, nem sempre a adoção fez parte desde o início. No meu caso, no meu e do meu esposo, não foi uma opção. A adoção já era

uma realidade para nós quando casamos. Tendo ou não tendo filhos biológicos, nós iríamos adotar. Mas nem todos pensam assim.

A maioria vem buscar a adoção como último recurso, depois que já está machucada, depois que já fez tentativa de todo tipo de gravidez, de todas as formas de engravidar. Então, ela vem dolorida, sem contar outras tragédias, perdas, ou pessoas que, quando acordaram para a vida, já era tarde demais para engravidar. Então, são histórias, são dramas também. Essas mulheres vêm com histórias. Então, elas precisam se curar para poder aprender a curar o outro.

A gente trabalha muito essa questão de que, durante o processo de adoção, que bom que é longo, que é demorado, precisa aproveitar esse tempo como uma gravidez invisível. Faça um pré-natal invisível. Além de você cuidar das questões práticas, financeiras, sociais, ritmo de trabalho, também trabalhe sua questão emocional, suas frustrações, seus traumas, para que você esteja bom o suficiente para lidar com os traumas que vão vir dessas crianças para sua casa.

Então, é muito pesado. Não é fácil ser mãe, “cuidar das suas próprias dores para poder aprender a cuidar da dor do outro”.

Voz-Rio - Acho que você passou por tudo isso e compartilhou com a gente toda essa experiência. Mas, de certa forma, o que ficou foram essas forças abertas. E aí, vou **ler esse convite para você poder arrematar a gente com essas forças**, tá? Em (des)encerramentos que se abrem à diferença para nos sentirmos juntos e continuar:

*O trabalho de amor e cuidado na maternidade e infância,
ainda é tecido nas mãos das mulheres,
nas margens dos rios,
no calor úmido da Amazônia que respira junto.*

*São elas que acordam antes do sol,
que embalam o choro e a fome,
que carregam no corpo o peso invisível
de manter a vida viva.*

*E as infâncias?
Correm entre barro, folhas e águas,
aprendem com o vento,
com o canto dos pássaros,
com o silêncio das árvores que também cuidam.*

*Mas há cansaço.
Há um cansaço antigo, herdado,
que se mistura ao amor
como raiz que não se arranca.*

*Ainda são elas,
as mulheres,
que sustentam o mundo sem nome,
que criam futuro com restos de tempo,
que (re)inventam cuidado onde falta tudo.*

*E a Amazônia vê,
guarda,
e sussurra em suas folhas:
"CUIDAR TAMBÉM É RESISTIR".*

Iracy - Para mim, acho **a importância da escola para essa infância**. Eu penso que a escola é um lugar secundário, mas que **se torna prioritário quando essa criança não tem os seus direitos garantidos**. Como eu trabalhei a minha vida toda em educação, mesmo sendo psicóloga, a minha vida toda foi dentro de escola ou nas comunidades da periferia, trabalhando com a igreja, com catequese, com o grupo de jovens. E a escola, claro, também vão existir vivências negativas. Eu mesma vivenciei algumas experiências negativas na escola. Mas a criança que sofre, quando ela é descoberta, quando alguém olha, alguém percebe, muda o futuro dessa criança, muda o futuro.

Então, eu me deparei com muitas experiências com crianças em que foram coisas assim que eu pensei: meu Deus, se a gente não estivesse aqui, quem que ia ver? Quem ia olhar? Uma criança com quem eu me deparei: "eu toquei nela no lanche e ela desviou". Aí eu passei a olhar, passei a pedir abraço, a pedir beijo: "vem me visitar, eu tenho um bombo aqui na minha sala". Até que eu descobri que, uma vez, ela chegou chorando na minha sala e disse: "Tia, eu posso te contar uma coisa?". Eu falei: "pode". "O meu pai me deixou no meio da rua". Nossa, aí foi um dos primeiros impactos, né, porque a gente acha que as dores do abandono vão acontecer nas periferias, que as dores do abandono vão acontecer em famílias de baixa renda ou desestruturadas. E aconteceu numa família abastada, numa escola particular.

Eu chamei a família e houve um encontro nessa família, porque também **você precisa dar oportunidade para alguém se arrepender do que faz**. Porque alguns arrependimentos são reais, são verídicos. E dá para você passar por tudo aquilo, por cima de tudo aquilo. E esse foi um choque tão grande quando essa família se percebeu, porque essa mãe se percebeu. Naquela época, não usávamos a palavra feminicídio, mas se percebeu uma violência psicológica, uma tortura psicológica. Essa mãe não tinha voz altiva para esse pai. Esse pai, o mantenedor desta casa, é o que cobra, é o que paga, é o que gasta, é o que trabalha o dia todo, é o que volta só de noite, é o que exigia.

Quando essa família enxergou essa violência dentro de casa, atingindo a coisa que era mais preciosa para eles, e que eles achavam que aquela medida que eles tomaram era uma medida que ia impactar positivamente a vida dela, não impactou

positivamente. E uma outra situação: “Numa conversa sobre emoções, trabalho muito as questões socioemocionais com as crianças”. Numa dessas conversas sobre as emoções, essa criança falou o quanto ela tinha raiva do avô. Aí eu disse: “nossa, então, a tia vai conversar com você daqui a pouquinho”, porque eu não queria... parece que, na hora, eu falei: “não quero nem que ela fale”, porque eu já sabia que não era agressão. Dito e feito: “abuso sexual”. Então, chama essa família. É uma pessoa de dentro de casa, é uma pessoa de confiança.

A escola tem essa possibilidade de salvar vidas. E os nossos professores, nossos estagiários, nossos orientadores educacionais, supervisores, nós precisamos ter esse olhar de resgate, de cuidado. As pessoas estão tão atarefadas, com tanta meta para bater, com tanto conteúdo programático para concluir, que nós não fazemos o básico, que é olhar de verdade para o meu aluno. Eu conheço um por um, eu conheço cada um pelo nome, eu sei o que cada um... Quando eu dou formação para estagiários, para professores nas escolas, eles dizem: “mas a gente não tem tempo”. Mas, se fosse seu filho, você ia cobrar do seu professor para ele ter tempo.

Nós, professores, fui professora por muitos anos, da educação infantil até o ensino superior, eu não sabia o nome... quer dizer, não sabia mesmo nem o nome lá de casa, misturo o nome dos cachorros, dos gatos, com as crianças, com tudo, só sei o nome do Petra. É o único de que eu sei o nome, porque o resto é uma salada. Então, imagina numa sala de aula: “não decorava, não mesmo”. Mas eu sabia, eu conhecia carinha por carinha.

Sabia a mudança do penteado, sabia quando tinha tomado banho, quando não tinha tomado banho. Tinha paciência de ver os desenhos, de ouvir as fofocas. Então, a gente precisa gostar de gente, a gente precisa gostar do que faz.

E eu penso que isso precisa ser algo implantado, algo que os nossos alunos, nossos acadêmicos, percebam como uma regra básica: “**amar o outro**”. Amar o outro é quando você ama o outro, você sabe direitinho tudo do outro. Sabe como é que ele chega em casa. A gente sabe quando o filho chega: “o que foi?”. Nada, nada. Brigou com o namorado? Teve nota baixa na prova? Não, a gente já sabe: “alguma coisa aconteceu”.

E professor é a mesma coisa. **O professor é um anjo para algumas crianças, mas ele também pode ser terrível para outras. Ele pode matar e ele pode salvar. O que é que nós queremos, né? Queremos salvação!**

NOTAS

INVENTAR A MÃE, REINVENTAR A INFÂNCIA: AFET(AMENT)OS EM CONVERSAÇÃO COM IRACY ROCHA

Reimagining motherhood, reimagining childhood: affect(ions) in conversation with Iracy Rocha

Entrevistada

Iracy de Souza Monteiro Rocha

Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior
Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas (GAPAM)
Manaus, Brasil
iracyrocha69@gmail.com

Entrevistadores

Adriana Alves da Silva

Doutora em Educação
Pós-doutoranda em Educação em Ciências na Amazônia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil
rio.adrianas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1407-783X> 

Mônica Silva Aikawa

Doutora em Educação na Amazônia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil
maikawa@uea.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4695-9762> 

Guilherme Araújo Soares

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática
Doutorando em Educação em Ciências na Amazônia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil
gas.dca25@uea.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3146-8303> 

Maria Eduarda Glória Neves

Graduada em Pedagogia
Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia
Universidade do Estado do Amazonas
Escola Normal Superior
Manaus, Brasil
megn.mca26@uea.edu.br
<https://orcid.org/0009-0003-7687-9197> 

Endereço de correspondência do principal autor

Av. Djalma Batista, 2470, Chapada, CEP: 69050-010, Manaus, AM, Brasil.

AGRADECIMENTOS

À Iracy Rocha, por este encontro súbito que nos atravessa e nos arremata como uma vida em pura tessitura de acontecimentos.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. A. da Silva; M. S. Aikawa; G. A. Soares; M. E. G. Neves

Coleta de dados: I. de S. M. Rocha; A. A. da Silva; M. S. Aikawa; G. A. Soares; M. E. G. Neves

Análise de dados: I. de S. M. Rocha; A. A. da Silva; M. S. Aikawa; G. A. Soares; M. E. G. Neves

Discussão dos resultados: I. de S. M. Rocha; A. A. da Silva; M. S. Aikawa; G. A. Soares; M. E. G. Neves
Revisão e aprovação: I. de S. M. Rocha; A. A. da Silva; M. S. Aikawa; G. A. Soares; M. E. G. Neves

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão das bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado as autoras e ao autor. Estendemos nossos agradecimentos à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) e ao Grupo de Estudos e Pesquisa Vidar In-Tensões (UEA/CNPq) pelo suporte institucional ao desenvolvimento desta pesquisa.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 06-05-2026 – Aprovado em: 19-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026